



DEPENDÊNCIA EMOCIONAL: MULHERES QUE SOFREM VIOLÊNCIA

Naiara Lima Araújo

Caxias do Sul, 2020

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
CURSO DE PSICOLOGIA

DEPENDÊNCIA EMOCIONAL: MULHERES QUE SOFREM VIOLÊNCIA

Trabalho apresentado como requisito para a aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, sob a supervisão da prof^a Raquel Furtado Conte.

Naiara Lima Araújo

Caxias do Sul, 2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me sustentado até aqui, com seu amor e misericórdia, que me fortaleceu em cada etapa da construção desse trabalho, que foi produzido em meio a uma pandemia e isolamento social, demandando muito de meus esforços. Agradeço em especial minha mãe, Antonia, por ser uma fonte de inspiração, carinho e cuidado. Uma mulher sensível e altruísta, que me ensinou o verdadeiro significado de ter empatia, que diariamente me motiva e apoia para ser melhor. Juntamente com minha irmã Bianca e meu sobrinho Dharius, me mostram a força de uma família amorosa e contingente, sempre me incentivando e não deixando que eu desistisse um segundo sequer.

Agradeço e dedico esse fechamento de um ciclo tão importante da minha vida, ao meu avô Antenor (in memoriam), que sempre me ouviu e que me ajudou a exercitar a escuta, me contando suas experiências de vida por horas à fio. Que me criou com muito amor, e me ensinou sobre princípios e honestidade. Me ensinou que: *“É melhor um amigo na praça, que dinheiro na Caixa”* e que: *“Há tempo para sorrir e há tempo para viver triste, há tempo que tudo afrouxa e há tempo que tudo resiste”*.

Agradeço a meus amigos que sempre estiveram comigo, dando apoio e carinho, principalmente minha melhor amiga Bruna Nayara, que desde a pré-adolescência está ao meu lado e durante toda a graduação me deu forças e perspectivas para seguir em frente. Também agradeço minha amiga Carolina Marcon, que sempre cuidou de mim com muito amor e preocupação nessa cidade. Agradeço meu amigo e parceiro de casa, Tiago que me ajuda há 2 anos na permanência em Caxias, junto com sua família.

Agradeço a meus colegas e professores, que foram fundamentais para minha formação como psicóloga. Agradeço minha colega e grande amiga Patrícia Mazzochi, por compartilhar durante todos esses anos de graduação, as alegrias e sofrimentos, nos motivamos, rimos, choramos, e o mais importante, construímos uma amizade para além da universidade, assim como meu amigo Alisson Rozo. E por fim, agradeço profundamente minha supervisora e orientadora Raquel Conte, que majestosamente me auxiliou nesse processo e me acolheu com muito carinho nos meus anseios e preocupações.

SUMÁRIO

RESUMO	6
INTRODUÇÃO	8
OBJETIVOS	10
Objetivo Geral	10
Objetivos Específicos	10
REVISÃO DE LITERATURA	11
Dependência Emocional	11
A violência de gênero contra a mulher	15
A sociedade brasileira e a cultura patriarcal.	18
MÉTODO	21
Delineamento	21
Fonte	21
Instrumentos	22
Procedimentos	22
Referencial de Análise	22
RESULTADOS	24
DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	27
Categoria 1: Dependência Emocional	27
Categoria 2: Violência de Gênero	30
Categoria 3: Cultura Patriarcal	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Categorias de análise e descrição das cenas

24

RESUMO

A dependência emocional pode se configurar como um dos principais elementos para que violências aconteçam, pois para o dependente não importa o quanto a relação pode ser nociva, o importante é estar junto ao companheiro. Mulheres podem acabar entrando em relacionamentos com esse funcionamento por diversos fatores. A cultura patriarcal e as atribuições do papel social do gênero feminino são alguns dos elementos envolvidos nessa relação, que podem explicar como as mulheres se vinculam a seus parceiros e acabam sofrendo violência de gênero. O presente trabalho tem como objetivo geral discutir as possíveis manifestações da dependência emocional em mulheres que vivenciam violência de gênero. Essa é uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório e interpretativo e para sua realização foi utilizado como artefato cultural a série “*Big Little Lies*”, de 2017. Os dados coletados a partir do artefato foram organizados em forma de tabela de cenas, as quais foram categorizadas por temas de acordo com os objetivos da pesquisa. Para a realização do referencial de análise, optou-se pela análise de conteúdo, através da estratégia de emparelhamento teórico. As categorias criadas foram: “Dependência Emocional”; “Violência de Gênero” e “Cultura Patriarcal”. Através da análise das cenas e articulação com o referencial teórico, foi possível explorar e compreender melhor como a dependência emocional pode estar presente em relacionamentos onde a violência se desenvolve, pois seu funcionamento está ligado a uma entrega quase que totalitária ao outro, numa posição de submissão. A pesquisa também possibilitou estabelecer relações entre uma cultura patriarcal e as manifestações da violência contra a mulher, visto que, são elas uma parte da população mais vulnerável que sofre com a violência de gênero. A partir de uma disposição cultural com papéis e funções socialmente pré-estabelecidas para homens e mulheres, onde o poder vem do controle do masculino sobre o feminino, há uma banalização e naturalização do fenômeno. Considera-se este estudo como importante para ampliar as discussões e entendimentos acerca de fatores como a dependência emocional, que pode contribuir para a manifestação da violência de gênero. Baseado nessa compreensão é possível criar intervenções para profissionais de saúde mental, no sentido de auxiliar as mulheres e vítimas, desenvolvendo um trabalho voltado ao fortalecimento de sua autonomia. Sugere-se que, mais estudos integradores entre dependência emocional, violência de gênero e estilos de apego possam ser

realizados, proporcionando maiores compreensões entre a dinâmica interacional desses fatores e as repercussões na vida dos indivíduos.

Palavras-chave: Dependência emocional; Violência de gênero; Cultura patriarcal; Mulher.

INTRODUÇÃO

A escolha pelo tema deste trabalho se deu devido ao interesse de refletir sobre possíveis manifestações de dependência emocional em mulheres que sofrem violência em suas relações afetivas. A violência comumente acontece por sua condição de gênero, baseado numa organização social que gira em torno do patriarcado e do machismo com um discurso de dominação masculina sobre o gênero feminino (Saffioti & Almeida, 1995). Essa condição social e cultural, pode favorecer/levar a abusos e/ou agressões praticados contra as mulheres, os quais são legitimados pela sociedade. Dessa forma, as mulheres podem se colocar como “merecedoras” de tal sofrimento, e se culpabilizarem por estarem vivendo uma situação de violência, seja qual for a natureza desta.

Ao longo do curso de Psicologia muito se estuda a respeito de temáticas que envolvem a questão da dependência, seja ela patológica ou não, que se dê em um nível comum, como por exemplo, por substâncias de abuso, ou nas relações humanas. Ao cursar a disciplina de Psicopatologia foi possível aprofundar o entendimento sobre diversos transtornos, inclusive os que dispõem sobre comportamentos de dependência em relacionamentos, a partir daí surgiu o interesse em compreender melhor como a dependência emocional pode ser um vetor para que mulheres sofram violência.

As discussões referentes à violência de gênero praticada contra a mulher tem ganhado cada vez mais espaço nos últimos anos, como nos traz Oliveira et al. (2018) “estima-se que a violência praticada contra mulheres entre a faixa dos 15 aos 44 anos, seja responsável por mais mortes que o câncer, malária e acidentes de trânsito” (p. 2), diante de dados alarmantes como estes é necessário um aprofundamento de tal temática, pois a sociedade ainda tem uma ideia de que a maneira mais comum em que a violência se apresenta ainda é na forma física, e outras modalidades de agressões ainda não são entendidas ou discutidas com clareza.

A escolha por discutir possíveis manifestações dependência emocional em mulheres que vivenciam a violência de gênero, se deu devido serem elas a população que mais se encontra nesse tipo de relacionamento, e aparentemente, são as menos ouvidas e entendidas, sendo inclusive julgadas, até mesmo por sua rede de apoio e outras mulheres. Também se faz necessário falar sobre a violência de gênero contra a mulher, já que segundo Cortes, Alves e Silva (2015), em pleno século XXI as mulheres ainda são assassinadas simplesmente por serem mulheres, esta condição é um elemento fundamental para que muitos atos criminosos

aconteçam e sejam legitimados, com argumentos para justificá-los, chegando ao extremo de culpabilização das mulheres pelas violências sofridas. Essa culpabilização é comum em relações de dependência emocional, acontecendo inclusive de maneira naturalizada, sendo que a mulher internaliza a narrativa que ela, com suas atitudes, falas e comportamentos é que provoca as situações de violência e agressões, e como ela tem certo grau de “necessidade” do outro, acaba por manter tal característica disfuncional do relacionamento, chegando muitas vezes a nem ter clareza da dependência que possui por este outro.

Bution e Wechsler (2016) postulam que “pessoas que têm dependência emocional são descritas como submissas, com dificuldades de tomar decisões em seus relacionamentos, sentindo-se responsáveis por todos os acontecimentos e centrando-se completamente em sua relação” (p.86). Tornando assim mais difícil ainda a saída de relações que possuem essa característica, pois a mulher encontra ali um espaço que julga ser confortável, mesmo com sofrimento ela tende a permanecer por conta de sua dificuldade em ter autonomia.

Muitas vezes, a mulher está tão apegada emocionalmente ao outro que além de ser agredida, acaba não percebendo os danos em potencial que tal relação traz à sua vida. Para Guimarães e Pedrosa (2015), “a percepção da violência está associada com uma identificação do excesso da ação, ou seja, ela é sentida quando se ultrapassa limites, estabelecidos pelo social, cultural, histórico e/ou subjetivo” (p. 259). Porém, as formas mais sutis de violência mesmo extrapolando os limites estabelecidos, ainda são vistas com certa tranquilidade, já que possuem “apenas” danos psicológicos, tendendo a ser menosprezada por não deixar marcas visíveis, como um soco, por exemplo.

Quando se está dependente de alguém emocionalmente é comum que estejam presentes diversos elementos comuns da dependência patológica, como apego irracional ao objeto de adicção, medo de perdê-lo e abstinência, que se pode identificar no discurso de mulheres com dependência afetiva (Riso, 2014). O autor utiliza a terminologia “dependência afetiva”, mas esta pode ser entendida como sinônimo de dependência emocional, que é a terminologia que será utilizada nesta pesquisa. Diante então, da necessidade de se discutir mais sobre dependência emocional e violência de gênero contra a mulher é que esse trabalho se faz necessário.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Discutir possíveis manifestações de dependência emocional em mulheres que vivenciam a violência de gênero.

Objetivos Específicos

- Definir dependência emocional.
- Caracterizar a violência de gênero contra a mulher.
- Contextualizar a sociedade brasileira e a cultura patriarcal.

REVISÃO DE LITERATURA

Dependência Emocional

Os relacionamentos amorosos desempenham um papel importante na vida dos seres humanos, e o sentimento que permeia dentro deles é o amor, sendo esse sentimento entendido por muitas culturas como elemento fundamental para uma união entre um casal. Para o comediógrafo grego Aristófanes, o amor significa um desejo por outra pessoa, se constituindo no principal efeito de uma carência humana (Platão, trad. 1901). Pode-se entender que essa carência se confunde com amor, e acaba sendo parte de uma dependência, onde existe um grande medo de perder o outro. Segundo Bastos, Santos e Stein (2014) o amor romântico frequentemente tem a característica de gerar um bem estar, pois o indivíduo se sente amado e desejado, mas nem sempre tais sentimentos terão uma característica saudável e podem então dar espaço a um aspecto patológico, ou seja, comportamentos de cuidado excessivo, que geram uma espécie de dependência emocional pelo parceiro.

Nas relações de apaixonamento, nas quais o indivíduo escolhe o seu parceiro a partir de uma idealização do mesmo, essa relação pode se transformar em uma relação de dependência, constituindo um amor patológico. Para Rodrigues e Chalhub (2009), quando o indivíduo ama de maneira patológica, passa a se comportar de modo que estará sempre cuidando, dando assistência e atenção a seu parceiro, perdendo inclusive o controle sobre a medida saudável desses comportamentos dentro da relação.

A dependência emocional se configura como um transtorno qualificado por comportamentos aditivos em relacionamentos amorosos no qual o indivíduo possui grande necessidade do outro, para assim preservar sua estabilidade emocional (Bution & Wechsler, 2016). Quando um relacionamento tem esse perfil, ele é marcado por comportamento de cuidado e atenção excessiva sempre em relação ao outro, o “eu” e a autonomia acabam ficando em segundo plano. Riso (2014) aponta que ninguém escolhe estritamente o sofrimento, para a dependência emocional existir, ela gera na mulher um tipo de satisfação, como a de ter o parceiro, se sentir segura, protegida e amada ou evitação da dor, de perdê-lo, de não poder “viver sem ele”.

Uma das definições de dependência que se encontra no dicionário de Psicologia é a seguinte: “1. Tendência para procurar proteção e ajuda, associada a falta de capacidade de

decisão, maturidade e autonomia. 2. comportamento resultante da frustração” (Mesquita & Duarte, 1996, p.61). Estar pendente de algo ou alguém leva o indivíduo a comportamentos que inibem sua autonomia, é como se a pessoa que possui uma dependência, possuísse um vício, no caso da dependência emocional, esse vício é em torno do parceiro e da relação.

Riso (2014) esclarece que “quando a dependência está presente, entregar-se, mais do que um ato de carinho desinteressado e generoso, é uma forma de capitulação, uma rendição conduzida pelo medo com a finalidade de preservar as coisas boas que a relação oferece” (p. 8). Dessa forma, a relação vai se mantendo, mesmo com a entrega desmedida, há ainda as coisas boas, que o indivíduo percebe como cômodas e que justificam permanecer nessa relação.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-V, ao apresentar sobre o Transtorno de Personalidade Dependente (F60.7), traz como informação no tópico “Questões diagnósticas relativas ao gênero” que “em contextos clínicos, o transtorno da personalidade dependente tem sido diagnosticado mais frequentemente no sexo feminino, embora alguns estudos relatem taxas similares de prevalência entre ambos os sexos” (p. 677). Ou seja, não é que ele aconteça mais com as mulheres, mas são elas o público que mais busca tratamento clínico.

O comportamento dependente que algumas mulheres mantêm de seus parceiros pode advir de seu padrão de aprendizagem. B. F. Skinner um dos mais importantes nomes do Behaviorismo Radical, discorreu sobre um repertório comportamental, ou seja, novos comportamentos são aprendidos à luz daqueles que já existem em nosso repertório, portanto, os comportamentos não surgem “do nada”, estão em conformidade com o que já é conhecido pelo indivíduo (Moreira & Medeiros, 2007). Possivelmente mulheres dependentes entram em relacionamentos afetivos que reforçam sua dependência.

Conforme Silva e Andrade (2018) em relacionamentos que funcionam saudavelmente, é comum que haja troca entre os parceiros, de carinho e cuidados. Já a mulher dependente é excessivamente cuidadosa com o companheiro a ponto de abandonar suas próprias necessidades em função das necessidades dele. “Comumente, na dependência afetiva observa-se a característica da ampliação das virtudes do companheiro e a diminuição dos defeitos deste” (Bastos et al., 2014, p. 94). Ao minimizar os aspectos negativos do companheiro, a mulher vai se colocando em um lugar de inferioridade, ou seja, onde o

companheiro é mais digno e “perfeito” que ela. A mulher acaba percebendo o parceiro não como alguém real, mas de certa forma idealizado, com perfeição e termina por colocar esse parceiro numa espécie de pedestal (Machado, 2013).

A mulher dependente emocionalmente acredita que para ser amada, precisa amar, dessa forma, se entrega ao parceiro totalmente, e entende esse sentimento de ser amada por ele como uma verdadeira obrigação (Silva & Andrade, 2018). Dessa forma, acaba fazendo incansáveis investimentos no outro e deixando sua autonomia de lado, entendendo então que ela precisa desse parceiro, ou não será amada novamente por ninguém.

A dinâmica dos relacionamentos será diretamente afetada, principalmente dentro de uniões amorosas e a dependência emocional pode ser entendida como uma aflição que acomete mulheres que de alguma forma, não tiveram uma construção segura de seus vínculos na primeira infância, pois a capacidade dos “seres humanos de estabelecer fortes laços de afeição com pessoas específicas, pode explicar as muitas formas de aflição emocional” (Bowlby, 1998, p. 38).

A Teoria do Apego formulada pelo psicanalista John Bowlby (1907/1990), em seu estudo com perspectiva biológica e etologista sobre o comportamento instintivo no desenvolvimento infantil e a formação de vínculos, traz considerações importantes sobre a maneira que a criança se liga a seus cuidadores na primeira infância, pode significar futuramente a construção de suas interações sociais. Para Bowlby (1969/1990), o bebê inicialmente conta com um comportamento de vinculação que é adaptativo, pois visa o suprimento de suas necessidades básicas para sobrevivência, sua motivação é ser fornecido de alimento e abrigo. Esse comportamento vai evoluindo para um comportamento de vínculo afetivo, o qual, o autor denomina de comportamento de apego, que é então destinado à figura de cuidado, que geralmente é a figura materna, pois é esta que além de lhe fornecer a satisfação de suas necessidades e cuidados é sua fonte primária de afeto, portanto, quem ele inicialmente busca se vincular afetivamente. Posteriormente, Mary Ainsworth, psicóloga e pesquisadora, contribuiu para a Teoria do Apego, trazendo estudos sobre padrões de apego e sugerindo que, à medida que a criança vai crescendo e se tornando adulta, a figura a qual ela dirige esse comportamento de apego vai mudando (Dalbem & Dell'Aglio, 2005). Essa mudança diz respeito a muitos fatores, como sexo, fase da vida, valores culturais, todos estes

elementos influenciam o tipo de vinculação e como ela irá se dar, pois como os adultos tem uma necessidade do outro, que se difere da criança (Bowlby, 1969/1990).

É muito importante que se possa estabelecer bases seguras de apego, pois isso é estruturante e organizador, ao longo da vida, o indivíduo que possui um padrão seguro de apego, tem maior facilidade em estabelecer relações saudáveis, de maneira que ele terá melhor “capacidade em reconhecer figuras adequadas que estão dispostas e aptas a proporcionar-lhe uma base segura... e colaborar com essas figuras em relações mutuamente saudáveis” (Bowlby, 2001, p. 141). A formação de vínculos afetivos seguros permite ao indivíduo compor um repertório também seguro de comportamentos afetivos.

Há diferentes tipos de padrão de apego, Bowlby juntamente com as colaborações dos estudos de Ainsworth, investigaram mais a fundo e dispuseram sobre três deles: apego seguro, apego ansioso e apego evitativo. O apego seguro diz respeito a uma relação na qual a criança confia na disponibilidade de sua figura de cuidado, pois esta lhe promove proteção e confiança, além da satisfação de suas necessidades mais básicas. Para o autor, o bebê que dispõe de um comportamento apego seguro não se aflige significativamente com a separação da mãe, ele é capaz de suportar sua ausência, pois sabe que ela em breve ela estará disponível. Nesse sentido, o bebê a utiliza como uma base segura e se tornará um adulto que confia nas interações com o mundo, possuindo independência e segurança (Bowlby, 1989).

No apego ansioso, a criança experimenta uma ambivalência de sentimentos em relação à ausência e disponibilidade da figura materna, de modo que não consegue desenvolver plena confiança daquela que lhe presta cuidados. Portanto, na ausência da mãe, a criança fica nervosa e estressada e, na disponibilidade, teme que ela a abandone (Bowlby, 1989).

No apego evitativo, o bebê mantém certo distanciamento e indiferença da mãe, ele a evita, pois ela não representa fonte de cuidado, então ele não confia nela, pois acredita que será rejeitado na satisfação de suas necessidades (Bowlby, 1989). Dessa forma, provavelmente seus relacionamentos futuros terão uma característica mais próxima do desapego.

O estilo de apego que melhor parece explicar o sujeito como dependente emocional é o apego ansioso, Bowlby (1969/1990) explica que “o padrão de apego apresentado por uma criança se correlaciona intensamente com a maneira pela qual a mãe a trata” (p. 384). Se a mãe está disponível em algumas situações e outras não, a criança de certa forma fica confusa,

sem saber como dimensionar saudavelmente seu afeto. Esse padrão de apego parece perpetuar ao longo da vida adulta, a mulher apegada ansiosamente pode desenvolver uma dependência emocional, pois acaba precisando do outro para manter sua estabilidade emocional, na ausência deste, ela se desorganiza emocionalmente (Bastos et al., 2014; Bution & Wechesler, 2016).

A violência de gênero contra a mulher

A violência de gênero é uma categoria geral de violências, e dentro dessa categoria, uma tipologia muito comum é a violência praticada contra a mulher. Saffioti e Almeida (1995) chama atenção para o fato que nas relações entre homens e entre mulheres, não está estabelecida a desigualdade de gênero, mas esta é uma construção social muito comum, e no que diz respeito a mulher a violência praticada contra ela, especialmente no ambiente doméstico, há uma grande tolerância por parte da sociedade, já que é praticada pelo homem, pois nossa sociedade não é tão complacentes com mulheres, como é com homens, revelando que existe uma supremacia masculina.

Em uma de suas definições, a violência é caracterizada por uma ruptura nas formas de integridade da vítima, sendo elas a integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral (Saffioti, 2004). Dados a respeito da violência contra a mulher, dão conta que esta acontece de diferentes maneiras, e o ambiente de casa representa para muitas pessoas um local de segurança, mas para algumas mulheres o conforto do lar não existe, pois é dentro de suas casas que são agredidas, ameaças e violentadas, sofrem os mais diversos abusos e geralmente por parte de quem elas confiam, a violência doméstica, é aquela praticada não apenas por parceiros afetivos, como maridos e namorados, mas também por pais, parentes próximos e membros da família. Segundo o DataSenado (2019), pelo menos 36% das mulheres brasileiras já sofreram algum tipo de violência doméstica, praticada por homens. Ainda dentro dessa pesquisa, as entrevistadas relatam que a violência sofrida nos casos conhecidos por elas é predominantemente física, que soma 82% das menções, seguida da violência psicológica, com 39%, e moral, com 33%. A violência sexual foi relatada 13% das vezes e a patrimonial, 11%. É possível então identificar violência na esfera física, psicológica, moral, sexual e patrimonial.

Como explicam Saffioti e Almeida (1995) a violência contra a mulher “se trata de um fenômeno que desconhece qualquer fronteira, de classes sociais, de tipos de cultura, de grau de desenvolvimento econômico, podendo ocorrer em qualquer lugar e ser praticado em qualquer etapa da vida da mulher” (p. 8). Ou seja, a mulher pode dispor de lugar privilegiado socialmente, ser financeiramente estável e mesmo assim sofrer com violência doméstica, o que parece fazer sentido no caso das mulheres que dependem emocionalmente de seus companheiros, pois mesmo possuindo todos os recursos para sair da relação, escolhem investir nela.

Uma das formas mais comuns de violência praticada contra a mulher, diz respeito à violência física e a maioria dos estudos que se produzem ainda tem como objetivo discorrer apenas sobre esta, que geralmente é mensurada por atos concretos, de violência consumada como tapas, socos e empurrões (Schraiber et al., 2007). As agressões físicas são visíveis, por essa razão costumam ser menos questionadas, diferente de outras modalidades de violências, que a mulher dependente pode sofrer.

No cenário de violências cometidas contra a mulher, especialmente dentro de seus relacionamentos, a Lei Maria da Penha criada no ano de 2006, trouxe possibilidades do direito da mulher ser resguardado, assim como sua integridade física, e também maiores chances de denúncias e a partir dessa lei, as discussões a respeito da violência doméstica se ampliaram (Fabeni, Souza, Lemos & Oliveira, 2015).

Muitas mulheres nem sequer tem a percepção que estão sendo vítimas de violência psicológica, pois por diversas vezes acabam justificando tais atos como sendo fruto de consequências de suas próprias atitudes, que desencadeiam a raiva de seus parceiros, como frequentemente acontece na dependência emocional. Echeverria (2018) considera que a violência psicológica contra a mulher é a forma mais cruel delas, porque, além de deixar sequelas irremediáveis, pode durar até mesmo toda a vida, justamente por essa falta de clareza do que é ou não abusivo psicologicamente, a mulher pode ficar anos dentro de uma relação desse tipo. Segundo Lei Maria da Penha em seu artigo 7º, onde dispõe sobre a violência doméstica e familiar, a violência psicológica é caracterizada como:

II - qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça,

constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação. (Brasil, 7 ago., 2006)

A violência psicológica acaba sendo a porta de entrada para a prática de outros tipos de agressões, por se tratar de uma modalidade mais sutil, pois geralmente a mulher não se vê como uma vítima, dentro dessa relação conflituosa, e assim fica inerte e apática, sem capacidade de reagir a violência sofrida, precisando de ajuda para que saiam desse ciclo de abuso. (Fabeni et al., 2015; Lucchese et al., 2017). Por isso é importante que a mulher tenha uma rede de apoio com a qual possa contar, mas a dificuldade no reconhecimento da violência psicológica também impede que ela possa pedir ajuda, ou até mesmo falar sobre a situação que está sofrendo, pois uma característica muito marcante de quem pratica esse tipo de violência é depreciar a autoestima da mulher tornando-a assim frágil e dependente do relacionamento.

O abuso sexual é outra modalidade de violência praticada contra mulheres, sendo elas uma das principais vítimas de tais atos. Vianna, Bomfim e Chicone (2006), chamam a atenção e esclarecem que no Brasil, os crimes sexuais ainda são pouco denunciados, pois muitas vítimas sentem medo, culpa ou vergonha, portanto o número real de casos é muito superior ao que chega ao conhecimento da polícia e do judiciário, as estatísticas são muito maiores do que é computado atualmente. Para Martins (2011) a violência sexual fere o direito à liberdade, que em suas palavras é a “manifestação mais humana que a civilização construiu” (p. 731), e se constitui assim em uma das mais graves perversidades, atingindo também outros direitos básicos do ser humano como o direito à vida e à segurança. A Lei Maria da Penha ainda em seu artigo 7º, define a violência sexual como:

III - qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação,

chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos. (Brasil, 7 ago., 2006).

Dentro dos limites de um relacionamento afetivo ou casamento, a violência sexual ainda é confundida com desejo, pois os parceiros que forçam suas companheiras a manter relações sexuais com eles, dificilmente são denunciados por esse ato, até mesmo porque as mulheres que sofrem esse tipo de violência costumam a entender ou aceitar que realmente se trata de uma agressão, uma vez que muitas se sentem na obrigação de atender as necessidades sexuais de seus parceiros, mesmo que envolva violência (Ministério da Saúde, 2002).

Ainda segundo a Lei 11.340, sobre as violências patrimonial e moral, a primeira é definida como “qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades” (Brasil, 7 ago., 2006). E a segunda se refere a “calúnias, difamação e injúrias”. Esses tipos de violência são bastante frequentes, mas pouco denunciadas, devido medo, ameaças ou até mesmo no caso da violência patrimonial porque acreditam que serão restituídas (Pereira, Loreto, Teixeira & Sousa, 2013).

Definidas então as modalidades de violência, é possível explorar sobre o nível de consciência que essas mulheres emocionalmente dependentes têm do funcionamento de sua dependência em torno do outro, e o que pode advir de uma relação com essa característica, já que o comportamento de continuar na relação aceitando a violência, em qualquer um de seus níveis, é bastante comum (Bution & Wechsler, 2016).

A sociedade brasileira e a cultura patriarcal.

A sociedade está constantemente vivenciando diversas transformações e no que diz respeito ao lugar da mulher e o espaço que ela vem ocupando, as discussões têm sido ampliadas, inclusive no sentido de proteger o espaço que ela está inserida. Os estudos e produções sobre a violência praticada contra o gênero feminino são cada vez mais frequentes, segundo Guimarães e Pedroza (2015) “a visibilidade política e social desta problemática tem um caráter recente, dado que apenas nos últimos 50 anos é que tem se destacado a gravidade e seriedade das situações de violências sofridas pelas mulheres em suas relações de afeto” (p. 257). Mulheres sempre sofreram com relacionamentos abusivos, mas a abordagem desse

assunto é relativamente recente, questões como a dependência emocional que muitas das que são agredidas parecem possuir, são mais recentes ainda.

Um dos motivos que explica esse olhar mais cuidadoso para o gênero feminino é o crescimento dos movimentos feministas, que como nos esclarece Pinto (2003), no Brasil se iniciaram de maneira tímida por volta dos anos 60, com grupos específicos, mas foi ganhando força e a partir de 1975, quando a Organização das Nações Unidas (ONU) decidiu que este seria o Ano Internacional da Mulher e o primeiro ano da década da mulher, o feminismo estava, então, adquirindo *status* de movimento social, ademais realizou uma conferência no México dedicada à temática. 1975 se destaca como um marco inaugural do feminismo no país.

No que diz respeito à dependência emocional, conforme Bastos et al. (2014) esta é uma condição que pode acometer tanto homens quanto mulheres, mas têm maior incidência no gênero feminino. Talvez por fatores culturais que têm forte influência de uma cultura conservadora que gira em torno do patriarcado, Hirata (2018) define como sendo o homem quem detém o poder nesta formação social. A ligação emocional que as mulheres possuem com seus parceiros, acaba permitindo todas as outras formas de dependência, como por exemplo, a financeira, reforçada dentro desse contexto social. Oliveira et al. (2019) explana que é esse poder controlador patriarcal sobre o corpo e o gênero feminino se mostra o principal impulsionador das violências, pois estas são cometidas em sua maioria por parceiros íntimos. A partir daí, temos um panorama de como o patriarcalismo é impactante na vida das mulheres.

O papel da cultura é primordial no entendimento sobre o espaço do gênero feminino, sendo que muitas culturas corroboram com o modelo patriarcal familiar constituído pelo homem, como chefe e provedor do lar. Segundo Saffioti (1987) dentro da sociedade, há atribuições de papéis, tanto para os homens como para as mulheres, a problemática envolvida em tais atribuições é que os papéis sociais da mulher, tradicionalmente é exercido como a mãe que se dedica à criação dos filhos e cuidados com a casa, mesmo que ela trabalhe fora, essas responsabilidades ainda ficam a seu cargo.

Para entender essa perspectiva, de certa forma, opressora, em relação a mulher, é preciso esclarecer que são séculos e séculos de desvalorização do gênero feminino e seu discurso, a voz que emana da mulher precisa ser gritada, pois ela é violada não apenas em seu

corpo, em seus direitos e em sua posição na cultura, ela é violada principalmente no que concerne ao seu lugar fala, pois o discurso do homem não é diminuído puramente por sua condição de gênero, já a mulher, sim. Para a ideologia patriarcal é fundamental exercer controle sobre a mulher, através desse poder há o domínio do feminino, ou seja, ela é submetida ao controle masculino, unicamente por sua condição de gênero, não precisa necessariamente estar inserida em contextos que facilitem que seja subjugada, como desigualdade socioeconômica, por exemplo. Em muitos casos ela é desmerecida e desacreditada, mas é importante frisar de dentro desse modelo social não se trata apenas do homem exercendo poder e controle sobre a mulher, se trata da estruturação e organização desse modelo que é reforçado e validado pelas mais diferentes culturas, envolvendo inclusive outras mulheres que acabam dando autenticidade a essa formação de ideologia do patriarcado (Menin, Loureiro & Moraes, 2007; Saffioti & Almeida, 1995).

MÉTODO

Delineamento

O presente trabalho se refere a um levantamento qualitativo, que segundo Laville e Dionne (1999) é quando se trata do real humano, considera seus valores, suas representações e significações, que são elementos que não possuem caráter mensurável. Pretendeu-se então identificar e discutir as manifestações de dependência emocional em mulheres que vivenciam violência de gênero. Esta é uma pesquisa do tipo exploratória, pois teve como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, proporcionando uma visão mais geral e menor rigidez no planejamento. É descritiva, pois objetivou descrever determinado fenômeno, estudando as características do grupo escolhido para estabelecer relações entre hipóteses levantadas no problema de pesquisa e o referencial teórico. E é interpretativa, pois buscou-se identificar os fatores que contribuem para a ocorrência dos fenômenos estudados (Gil, 2008).

Fonte

Para a realização desta pesquisa foi utilizado um artefato cultural, que é a série norte-americana intitulada “*Big Little Lies*”, que estreou em fevereiro de 2017 e atualmente conta com 2 temporadas, de 7 episódios cada, mas neste trabalho foi utilizada apenas a primeira temporada, os episódios 2, 3, 4, 5, 6, de onde se extraíram 13 cenas. Foi escrita e criada por David E. Kelley, e é dirigida por Jean-Marc Vallée e Andrea Arnold.

A série narra a história de 3 personagens centrais, sendo elas Madeline Martha Mackenzie (Reese Witherspoon), Jane Chapman (Shailene Woodley) e Celeste Wright (Nicole Kidman), a qual foi objeto de estudo deste trabalho.

Celeste é uma mulher com a vida aparentemente perfeita, com o casamento perfeito, mas que enfrenta uma situação de violência doméstica. É bonita, inteligente, possui uma profissão e condição financeira estável, mas apesar de tudo isso, sofre violência física e psicológica por parte de seu companheiro, não consegue conversar com ninguém a respeito disso e parece possuir grande dependência emocional dele, pois mesmo dispondo de todos os elementos para sair da situação de violência, escolhe ficar, e muitas vezes acaba justificando as agressões de seu marido, demonstrando grande apego ao relacionamento.

A situação vivida por Celeste, onde mesmo sofrendo agressões, busca alternativas para salvar seu casamento, por não conseguir viver longe do marido e dos filhos pode ser entendida como um exemplo de dependência emocional, pois ao mesmo tempo que ela cuida excessivamente do parceiro e da família, acaba negligenciando cuidados a si mesma, e se deixando permanecer em uma relação pouco saudável a fim de manter o mínimo de equilíbrio emocional, mesmo que isso signifique se colocar em risco.

Instrumentos

Os dados coletados a partir do referido artefato cultural foram dispostos e organizados em forma de tabela de cenas, que como esclarecem Laville e Dionne (1999), essa maneira de estruturação permite uma visualização mais categorizada. As tabelas são utilizadas na compilação de dados, onde através de uma apuração de elementos, atribui-se significados aos conteúdos resgatados (Laville & Dionne, 1999).

Os recortes das cenas foram posteriormente agrupados em categorias temáticas para discussão, de acordo com os objetivos do estudo e o emparelhamento teórico.

Procedimentos

Após assistir diversas vezes, foram feitos recortes de 13 cenas da primeira temporada, a fim de desenvolver uma análise do conteúdo destas, viabilizando a exploração da temática referente à dependência emocional e violência de gênero. Os recortes de cenas selecionados foram descritos e categorizados, permitindo assim uma melhor organização dos conteúdos, para que fosse possível elucidar o problema de pesquisa. Como orientam Laville e Dionne (1999) o registro dos recortes escolhidos foram ordenados em tabelas, com a finalidade de tornar a disposição de dados e informações de maneira mais sistematizada e clara, o que possibilitou convertê-las em categorias de análises sendo possível investigar seu conteúdo e articular com o referencial teórico.

Referencial de Análise

Para a construção do referencial de análise foi utilizada a análise de conteúdo, que se trata de “desmontar a estrutura e os elementos desse conteúdo para esclarecer suas diferentes características e extrair sua significação” (Laville & Dionne, 1999, p. 214). Assim, a interpretação dos dados e informações acontece de modo mais claro e facilitado e de maneira

qualitativa, com a utilização da estratégia de emparelhamento, que consiste em associar os dados coletados para compará-los se apoiando em um referencial teórico que permite uma ampla cobertura dos fenômenos e reflexão do conteúdo analisado. Optou-se por definir as categorias *a posteriori*, de modo que a categorização escolhida foi a aberta, ou seja, realizada durante o desenvolvimento da pesquisa e não no início (Laville & Dionne, 1999).

Por fim, a discussão dos resultados foi feita, com o intuito de trazer compreensão e esclarecimentos acerca do problema de pesquisa.

RESULTADOS

A partir da primeira temporada da série “*Big Little Lies*” (2017), foram realizados os cortes de cenas e foram desenvolvidas 3 categorias, sendo elas: Dependência Emocional; Violência de Gênero; e Cultura Patriarcal. No total, 13 cenas foram selecionadas, referentes aos episódios 2, 3, 4, 5, 6. Posteriormente ao agrupamento e categorização dessas cenas é que foi realizada a discussão dos resultados articulando com o referencial teórico.

Abaixo encontra-se a tabela com as cenas descritas e a categoria a qual pertencem:

Tabela 1

Categorias de análises e descrição das cenas

Categorias	Cenas
Dependência Emocional	Cena 1 - Celeste é questionada pela terapeuta sobre a possibilidade de se separar de Perry, e responde: “ <i>Me separar dele é como arrancar a minha carne</i> ”
	Cena 2 - Celeste explica tanto para a terapeuta, como para Perry que ela desistiu da carreira por ele, deixou a família e os amigos, se mudou por ele.
	Cena 3 - Quando questionada pela terapeuta do porquê Celeste não contou a ninguém sobre os abusos, ela responde: “ <i>Talvez porque minha autoestima seja baseada em como os outros me veem</i> ”
	Cena 4 - Na primeira sessão psicoterápica, a terapeuta pergunta ao casal porque estão ali e diz que muitos casais sentem uma perda da paixão e Celeste a responde dizendo que paixão com certeza não é o problema deles, se for, talvez seja pelo excesso dela.

Violência de Gênero

Cena 5 - Celeste e Perry, estão discutindo sobre o primeiro dia de aula dos filhos e Perry dá um tapa no rosto de Celeste e ela revida, então ele a joga contra a porta com força, machucando seu ombro/braço. Ao perceber, imediatamente Perry pede perdão e insiste que Celeste o desculpe, ela nega e ele se ajoelha tentando se desculpar, fica agarrando sua cintura e ela tenta se soltar, ele então levanta, a segura e a beija, ela pede que ele a solte e fica falando “não”. Em seguida ele a vira de costas e transa de modo violento com ela.

Cena 6 - Na sessão, que Celeste compareceu sozinha, a terapeuta sugere que ela está sofrendo violência e foi por isso que procuraram a terapia de casal, para que Perry pare de agredi-la, Celeste diz: *“Você é a nossa terapeuta, tá tratando dos dois, mas agora está demonizando ele”*

Cena 7 - Celeste está contando sobre os momentos de raiva e instabilidade do casal. A terapeuta pergunta se ela fala de raiva e instabilidade, numa expressão física, Celeste então nega, e diz que é uma raiva apenas emocional e verbal.

Cena 8 - Perry e Celeste falam sobre um passeio que ela fará com os filhos, Perry se irrita por não ter sido convidado, Celeste diz que ele *“odeia essas coisas”* e começam a discutir. Ele então enforca Celeste, ela diz que ele a está machucando e ele responde: *“Ah eu tô te machucando? A gente pode falar do quanto você me machucou? Você planeja essas coisas de propósito só para evitar minha companhia”*

Cena 9 - Na sessão, quando a terapeuta pergunta a Celeste se Perry a machuca, ela responde: *“Eu não sou uma vítima, eu bato nele, jogo coisas nele”*

Cena 10 - Na sessão que compareceu sozinha, quando questionada pela terapeuta se o marido bate nos filhos, Celeste responde: *“ele é um pai maravilhoso, não consigo imaginar ninguém melhor que ele”*.

Cena 11 - Celeste está falando com Perry sobre estar ajudando em um processo que o prefeito está movendo contra a peça de teatro da amiga, e Perry pergunta: *“Vai ajudar como? Como advogada?”*. Ela responde que sim, ele novamente indaga: *“Voltou a advogar?”*, ela responde: *“Não tô advogando, só vou a uma reunião”*.

Cultura Patriarcal

Cena 12 - Após a reunião onde Celeste representou legalmente a amiga Madeleine, presidente da peça que a prefeitura quer impedir. Ambas conversam no carro e Celeste em tom de culpa diz: *“É que há 6 anos eu limpo narizes, organizo brincadeiras e faço de tudo para ser boa mãe, sabe, e hoje eu me senti viva, eu me senti bem. Fiquei maluca? Eu tenho tanta vergonha de dizer isso, mas ser mãe não é o suficiente pra mim, não é mesmo, não chega nem perto, é maldade não é né? Eu sou má”*

Cena 13 - Perry está saindo para trabalhar, vê brinquedos espalhados pelo chão e questiona Celeste por não ter mandado os filhos juntarem, ela diz que não estava com paciência para isso, Perry então diz: *“Eu não quero viver em um chiqueiro”*

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Categoria 1: Dependência Emocional

Com o intuito de aprofundar as discussões sobre o tema, optou-se por definir a primeira categoria como “Dependência Emocional”, onde para compô-la, quatro cenas foram selecionadas, sendo as cenas 1, 2, 3 e 4. É importante ressaltar que a discussão não seguirá de maneira linear a sequência de cenas.

A dependência emocional é caracterizada por uma centralização no outro, o empenho para com o outro chega a ser mais importante que o autocuidado, a pessoa a quem se dedica o sentimento de amor é posta no centro da relação e a entrega chega a ser irracional (Riso, 2014). Na cena 4, onde Celeste refere que não há falta de paixão em seu casamento e sim o excesso dela, esse afeto exagerado, que desconhece até mesmo as barreiras da violência pode ser evidenciado, e sob esse disfarce de grande paixão, os abusos decorrentes da relação podem ser justificados, pois “faz-se de tudo em nome do amor”, até mesmo sustentar um casamento que traz perigos à integridade física de uma das partes. Pode-se entender que, quando Celeste se refere a uma paixão em excesso, invariavelmente, ela está mostrando que em seu casamento há essa entrega ilimitada, um empenho que foge aos limites da normalidade e serve inclusive como justificativa perante qualquer aspecto negativo da relação.

Como esclarecem Bution e Wechsler (2016), o indivíduo que sofre de dependência emocional coloca sempre o outro em evidência, antes de si mesmo, possuindo dessa forma, uma grande necessidade deste outro, para assim, permanecer mais equilibrado emocionalmente. Na cena 1, em que Celeste conta a sua terapeuta que se separar de seu marido seria como arrancar sua carne, essa fala pode ser entendida como uma característica de sentir tão dependente do outro a ponto de se ver como uma extensão dele, uma relação quase que fusional, onde os gostos e perspectivas de vida se misturam. Celeste está demonstrando com sua fala, que basicamente o outro representa para ela uma fonte de equilíbrio, pois ela o tem como parte de si mesma. Essa comparação que a personagem faz de sua separação com o marido ser equivalente a uma dor física tão intensa, a leva a acreditar que sem ele, não conseguirá viver. Esse é um processo de despersonalização onde o parceiro funciona como um “anexo” de si mesmo e vice-versa. A despersonalização é um elemento

comum da dependência emocional, e pode assim, ser entendida como parte de um aspecto cultural de enfraquecimento da identidade e autonomia da mulher, já que ela tem seu discurso por diversas vezes desqualificado e questionado, simplesmente por seu gênero, e dentro da relação em que a mulher é dependente emocional, ela vai se tornando cada vez mais “parte do parceiro”, naturalizando os questionamentos sobre ela mesma e passando a internalizar os gostos e preferências do parceiro como seus (Riso, 2014). É como se o dependente se fundisse com seu objeto de afeto a ponto de ficar impossível separar o que é dele e o que é do outro e acredita que todos seus esforços são para o bem do relação, negando que essa paixão em excesso pode trazer malefícios (Silva & Andrade, 2018). O dependente emocional tem sua necessidade afetiva partindo da demanda do outro, e não da própria demanda, por isso essa fusão com o que é de si, com o que é do outro. Seguindo essa perspectiva, entende-se que o indivíduo com um estilo de apego em que existe um alto grau de ansiedade, realiza maiores investimentos visando a proximidade e apoio do parceiro, porém essa entrega pode acabar causando tal condensação de desejos (Murta et al., 2019). Bowlby (2001) considera essa maneira de se ligar afetivamente como uma evolução do sistema de vinculação e motivação, o padrão de apego é ativado frente a situações estressoras, como o medo e possibilidade de abandono. Celeste na cena 1, quando fala como seria para ela se separar do marido, é possível identificar o aumento da ansiedade e o medo do abandono na personagem.

Da mesma forma, na cena 2, onde Celeste fala que deixou tudo pelo marido, que inclusive desistiu de sua carreira profissional por ele, geralmente a abdicação do dependente não se limita a pequenas coisas. De acordo com Vianna et. al (2006) o dependente emocional internaliza tudo do outro para si, acreditando que a vontade do companheiro também é a sua. Para os autores, o outro está sempre no controle, mesmo quando diz respeito a vida do dependente, é o outro quem tem a autoridade e o valor, ou seja, o dependente emocional contenta-se em ficar em segundo plano. Celeste ainda comenta, na cena 2, que deixou a família e os amigos por Perry, expressando sua falta de autonomia e submissão. Esses aspectos são comuns e reconhecidos em dependentes emocionais, tornando-os cada vez mais vulneráveis às deliberações do outro (Bution & Wechsler, 2016; Sophia, 2008). Os autores afirmam que o sujeito dependente emocional passa a viver em função dos interesses do parceiro, deixando de lado sua vida pessoal e profissional.

Na cena 3, Celeste é questionada pela terapeuta do motivo pelo qual não contou a ninguém sobre o que passava em seu casamento, a mesma responde que sua autoestima depende de como as pessoas a veem. É possível refletir que a preocupação de Celeste em não parecer frágil, ou manter a imagem de um casamento feliz a motivava a não compartilhar seu sofrimento. Assim, justifica e nega as violências sofridas por parte do marido. Mulheres na condição de dependência emocional tem uma autoestima criticamente baixa e estão mais próximas da idealização, do sonho de como o relacionamento poderia ser do que com a realidade que vivem (Mota, 2018). Essa baixa autoestima, pode ter levado Celeste a se vincular com Perry, mesmo ele a violando de diferentes formas. Bowlby (2001) esclarece que um dos funcionamentos do indivíduo com apego ansioso, se reflete na baixa capacidade de reconhecer uma base segura de apego para formar laços afetivos, portanto, tendo assim maiores chances de entrar em relacionamentos que não tem gratificação mútua.

Celeste mostra que a aprovação do outro para ela é muito importante e sente necessidade em agradar, como esclarecem Peixoto e Heilborn (2016), a baixa autoestima e perda da identidade na fusão com o parceiro, estão associadas à ideia de fraqueza moral, e descrevem uma mulher desvalorizada e dependente. É a partir do outro que Celeste constrói o valor de sua imagem, dentre muitas dificuldades do dependente emocional, problemas de autoconceito e baixa autoestima configuram para ele algumas de suas vulnerabilidades ao sofrimento. Estes aspectos, somados à necessidade de manifestações de afeto levam mulheres em condição de dependência emocional, a se sentirem amadas (Rodrigues & Chalhub, 2007; Riso, 2014). É isso que pode levar Celeste a não contar sobre o que passa em seu relacionamento, pois ao não compartilhar a situação vivida, ela tanto vai continuar obtendo o “amor” de Perry, como a admiração das pessoas em seu casamento, e, como consequência, ganha aprovação.

De acordo com Bowlby (1969/1990), o comportamento instintivo dos indivíduos muda durante o ciclo vital, pois além dos esforços para preservação da espécie e manutenção de alimento, também nos comportamos de modo a obter proximidade e afeto de nossa figura de cuidado, e no tocante a esse afeto, o comportamento é constituído nos primeiros anos de vida e pode perdurar até a idade adulta, mediando as relações sociais afetivas dessa fase, além de um estilo de vínculo, se converte então em traço de personalidade do indivíduo. Levando em consideração que “o parceiro amoroso se torna a figura de apego na vida adulta”

(Scheeren, Delatorre, Neumann & Wagner, 2015, p. 838). É possível hipotetizar que Celeste transferiu essa forma de afetividade para seu marido, onde ele passa a ser então quem ela conceitua como fonte de proteção e cuidado, mantendo essa relação de dependência.

Celeste com sua dedicação desmedida a Perry, possivelmente pode ter vindo de um lar onde havia insegurança em relação aos cuidados, então frente a isso, dedicava-se o máximo possível a obter atenção e satisfação de suas necessidades por parte de sua figura de afeto, por não saber quando a teria novamente, sendo este o tipo de apego ansioso. “Grande parte dessas mulheres são provenientes de lares desajustados, onde não tiveram suas necessidades emocionais supridas na infância, apresentando na fase adulta uma insatisfação emocional” (Silva & Andrade, 2018, p. 4). Estudos sugerem que o estilo de apego ansioso é o mais comum em mulheres dependentes emocionalmente (Sophia, 2008).

Categoria 2: Violência de Gênero

A segunda categoria definida foi intitulada de “Violência de Gênero”, nela constam cinco cenas, sendo elas as cenas 5, 6, 7, 8 e 9. Aqui pretende-se discutir a dinâmica da violência de gênero praticada contra as mulheres em relacionamentos amorosos. Sabe-se que a violência masculina contra a mulher é um fenômeno que atravessa toda a sociedade, estando presente em todas as classes sociais, então faz-se necessário entender melhor sobre essa dinâmica (Saffioti, 1987).

Na cena 5, em que há violência física, Perry agride Celeste, e ao perceber que a machucou, imediatamente pede desculpas, mostrando como funciona o ciclo de violência doméstica, onde após grande tensão ocorre a violência, em seguida o agressor se mostra arrependido e disposto a fazer as pazes, no caso de Perry e Celeste, após a violência física eles transam, e nessa cena, Celeste diz "não" inúmeras vezes, mas frente a insistência acaba cedendo, ou seja, após a violência física, há também violência sexual. Está última geralmente é difícil de ser categorizada e reconhecida dentro de namoros e casamentos, pois a mulher comumente dispõe da crença de precisar "satisfazer o marido", com medo de ser abandonada ou traída ela acaba cedendo às investidas sexuais de seu parceiro. Aqui o sexo assume também o papel de desejo, onde o casal se conecta, ser desejada sexualmente pelo marido é uma maneira de ser amada. Gregori (2008) chama atenção para a relação tensa entre prazer e

perigo no que tange aos limites da sexualidade, onde o perigo é representado por estupros, abusos e espancamentos como fenômenos relacionados ao exercício da sexualidade e prazer, pois há uma promessa na busca de novas alternativas eróticas em transgredir as restrições impostas à sexualidade tomada apenas como exercício de reprodução. Nessa cena em que Perry transa violentamente com Celeste, há ali uma tensão que permeia entre esse perigo e o prazer.

Nos resultados de um estudo realizado por Schraiber et al. (2007) sobre a prevalência da violência contra a mulher, identificou-se que a agressão sexual geralmente ocorre concomitante a agressão física, ou seja, alguns parceiros usam da violência física para consumarem o ato sexual. Em seus relatos as mulheres descreveram que praticavam o ato sexual por medo do que eles fariam a elas, se dispendo até a práticas humilhantes. O estudo também atenta para o fato que culturalmente há uma crença que é dever da esposa atender as necessidades sexuais de seus maridos, mesmo que a prática não seja consensual. Outros achados da pesquisa também dão conta de que a combinação de violências é um fenômeno observado na maioria das situações de agressão, a violência psicológica e moral, por exemplo costumam preceder a violência física, e esta última costuma ser praticada anteriormente a violência sexual, como já foi explanado. Todos esses diferentes tipos de violência acabam deixando a mulher em um lugar de vulnerabilidade.

A cena 6, que traz a terapeuta sugerindo que Celeste procurou a terapia para que o marido pare de agredi-la, e Celeste diz que ela está “demonizando” o Perry, sugere que a personagem possui uma idealização a respeito de Perry e que também nega suas características agressivas, o mecanismo de negação pode ser eficiente para poupar o sujeito de ir ao encontro de um material que possa trazer sofrimento psíquico, dessa forma, protegendo o ego do sujeito (Freud, 1925/2011). Assim, Celeste parece “aceitar”, através da negação, os defeitos e atos violentos do marido. Muitas mulheres em situação de violência, tem uma tendência muito forte a idealizar o parceiro e negar a realidade de agressões que vivenciam, mantém a imagem de um companheiro imaculado, mesmo nas ocasiões em que é violento e acabam então culpando a si próprias pelas reações de agressividade, acreditando que foram elas que eliciaram tal comportamento com suas atitudes.

Para Celeste, nesta cena, a terapeuta pode funcionar como interditora, aquela que porta a realidade, pois ao rechaçar a interpretação da terapeuta sobre Perry, e dizer que ela o está

demonizando, Celeste projeta nela o mal vivido, e é a terapeuta então que passa a ser a pessoa perigosa, o mecanismo de projeção, consiste em atribuir no outro as características reconhecidas de si, nesse caso a personagem projeta na terapeuta os aspectos negativos do marido (Volpi, 2008).

O mecanismo de negação aparece na cena seguinte, cena 7, onde Celeste nega que nas discussões e brigas a raiva apareça na forma de violência física. Mulheres que vivenciam a realidade da violência doméstica e de gênero, frequentemente podem se sentir envergonhadas em admitir a situação, pois há uma estigmatização que está relacionada à vergonha e culpa (Schraiber et al., 2007). Outra explicação para essa tendência a negar o ocorrido, pode estar em uma forma de preservar a relação e se manter com o parceiro, pois juntamente a idealização de um “bom casamento”, há também que se falar dos ganhos secundários que o relacionamento proporciona, de alguma maneira essa mulher tem elementos que a alimentam e corroboram com a fantasia de uma relação funcional. E assim, essa negação somada a fantasia em torno do parceiro e da relação vai anulando cada vez mais a autonomia da mulher. Ainda explorando sobre esse sentimento de raiva que Celeste relata, na cena 7, Bowlby (1989) esclarece que quando há instabilidade na relação com a figura de apego, a raiva é um sentimento presente, devido ao sentimento de ameaça à segurança e proteção.

Na cena 8, onde Perry enforca Celeste e diz que ela também o machuca quando não o convida para fazer programas com os filhos, no mesmo momento que está agredindo a esposa vai culpando-a e justificando a violência, nesse ato de culpabilização pode-se entender que aqui além da violência física também há violência psicológica, onde o agressor vai minando a autoconfiança da vítima. Paixão et al. (2018) atentam para o fenômeno que muitos homens, inclusive os denunciados por violência, não entendem a natureza de seus atos, pois os naturalizam e que essa falta de entendimento sobre o ato de violência praticado contribui para responsabilização da companheira pela violência ocorrida, ou seja, se ele bateu ou foi agressivo, é culpa dela. Ainda segundo os autores, os homens também buscam responsabilizar a parceira como forma de minimizar a violência e diminuir as possíveis punições advindas do ato. Nota-se que é exatamente o que Perry faz com Celeste, justificando sua agressividade com atitudes da mesma, pois é mais confortável para homens agressores acreditarem que não são naturalmente violentos e que só chegaram a tal, por meio das provocações de suas vítimas.

Na cena 9, em que Celeste diz a sua terapeuta que ela não é uma vítima, pois também agride o marido, pode-se entender a sua agressão como defesa, pois segundo Saffioti e Almeida (1995) a raiva, que é um sentimento frequentemente presente após a violência sofrida, pode também mobilizar doses expressivas de agressividade, que acaba sendo necessária a autodefesa e a sobrevivência individual, representando assim uma importante pulsão de vida. Celeste bate no marido como maneira de se defender, objetivando que ele pare ou que não seja mais violento ainda. Paixão et al. (2018) alertam para o fato de que, o revide não é necessariamente apenas uma defesa, mas também uma forma de perpetuação da violência.

Nessa cena Celeste também não se reconhece como vítima, como forma de se culpar pela violência que sofre, como foi discutido anteriormente a naturalização e culpabilização são comuns. Não admitir que está sofrendo violência doméstica parece ser organizador para Celeste, pois pode existir uma vergonha de assumir o papel de “mulher que apanha”, sair da posição de vítima para ocupar também o lugar de agressor proporciona uma minimização da culpa agressor e coloca essa relação de violência numa dialética. Muitos companheiros, acreditam que quando a mulher tem atitudes que não correspondem ao ideal do que eles esperam, a resposta deve ser a agressão, pois eles sentem a necessidade de manter o controle (Falcke, de Oliveira, da Rosa & Bentancur, 2009).

A violência contra as mulheres, mais precisamente a violência de gênero e doméstica é um fenômeno que tem raízes em diversos fatores, é por diversas vezes naturalizado e como revela Paixão et al. (2018), a intercalação entre eventos de violência e os momentos de calma, trazem a frágil impressão que a agressividade presente na relação é passageira, portanto, não cabe intervenções. Perry se mostra agressivo e violento em relação Celeste, sempre que ela o desagrada, e a maneira dele reagir é cometendo algum tipo de violência contra ela, que imediatamente vem seguido de um pedido de desculpas, que como já foi comentado demonstra o funcionamento do ciclo de violência doméstica, e “esse ciclo faz com que muitos homens e mulheres permaneçam, durante vários anos, em relações violentas” (Falcke et al., 2009, p. 86).

Categoria 3: Cultura Patriarcal

A terceira categoria produzida foi “Cultura Patriarcal”, e é constituída por quatro cenas, sendo elas as cenas 10, 11, 12 e 13. Nessa categoria se pretende comentar sobre a cultura que sofre grande influência de um modelo patriarcal onde o homem é favorecido puramente por sua condição de gênero. Cortes et al. (2015) consideram que para entender melhor o fenômeno da violência de gênero contra a mulher é preciso levar em conta as relações construídas socialmente para homens e mulheres, das quais as mulheres saem prejudicadas, devido uma diferença e desigualdade nessa socialização. À luz dessa perspectiva, Saffioti (1987) refere sobre uma espécie de hierarquia de privilégios patriarcal de gênero, onde ser branco já é vantagem, se for rico e heterossexual goza então de mais privilégios ainda, sendo dessa forma, o poder, atributo do macho. Na outra face, o gênero feminino acaba por não usufruir das mesmas salvaguardas, e termina por ficar numa posição de subjugação, assumindo papéis sociais que foram de certa maneira construídos para separar o gênero feminino do controle e até mesmo poder.

Na cena 10, a terapeuta pergunta se Perry também bate nos filhos e Celeste diz que não, que ele é um pai maravilhoso, podemos fazer um paralelo dessa cena com a expectativa social de uma família ter o pai como membro presente, mesmo que esse pai seja agressor da esposa/mãe e contribua para um ambiente familiar disfuncional, ainda assim ele tido como bom pai, um pai maravilhoso. Ou seja, dentro dessa idealização do “pai perfeito” o importante é que exista a figura do pai, não como ele é, suas atitudes, mas sim a significação que ele corresponde. Uma vez que é o pai quem representa a autoridade, é ele o portador lei, quem tem um papel organizador, a superioridade do pai não necessariamente é um reflexo do que ocorre na realidade, no mundo externo, ele opera como simbolizador e seus efeitos na realidade se implementam (Lacan, 1953-54/1986). O próprio nome do modelo cultural traduz a importância do pai, cultura “patriarcal”, ou seja, o poder vem do pátrio, do pai, essa simbologia de poder dedicada a figura paterna. Nessa cena Celeste, além de cultivar a narrativa de um ótimo pai em relação ao marido, ela mostra mais uma vez a idealização que possui de Perry, quando comenta que não consegue pensar em ninguém melhor que ele, mostra que passar a imagem de família feliz, ótimo pai e marido dedicado é consideravelmente relevante para ela.

Na cena 11, Perry questiona se Celeste voltou a trabalhar como advogada e se mostra irritado com essa possibilidade, aqui ele mostra como alguns maridos podem ser controladores e não permitir que suas esposas trabalhem, pois acreditam que eles são os provedores do lar, portanto quem deve trabalhar são eles, e suas esposas devem ficar casa, cuidando da casa e dos filhos. Essa perspectiva machista, está presente inclusive no mercado de trabalho, como aponta Hirata (2018), existe uma divisão social do trabalho entre homens e mulheres, onde estas últimas apesar de estarem inseridas no mercado, suas atividades possuem certa limitação, pois não tem o mesmo acesso às profissões que o homem, e sua atuação acaba sendo mais restrita, onde por exemplo, muitas mulheres terminam por ocupar mais trabalhos precários, sem proteção social e sem direitos, como o serviço de empregada doméstica, que apenas recentemente foi reconhecido como vínculo formal de emprego. Ao responder que não voltou a advogar e que só vai a uma reunião, Celeste precisa de certa forma “esconder” o desejo de voltar a trabalhar como forma de proteção, pois como Perry mostra descontentamento com a possibilidade da esposa ter voltado a advogar, ela além de negar também tenta acreditar que esse não é um desejo latente.

Na cena 12, onde Celeste conversa com a amiga, após a reunião em que a representa legalmente e se sente culpada por achar que ser apenas mãe não é suficiente pra ela, diz em tom de desabafo “*faço de tudo para ser boa mãe*”, mostra como o mito do amor materno é presente na cultura. Badinter (1985) elucida que ao contrário do imaginário comum, o amor materno não é um sentimento intrínseco à condição de mulher, ele não é um determinismo, mas algo que se adquire de uma perspectiva social. Uma das proposições existentes dentro da cultura patriarcal, é que a mulher só é plena quando se torna mãe, sendo este um dos papéis mais importantes que ela deve exercer, a romantização a respeito da maternidade é imposta às mulheres, e caso ela não se sinta completamente confortável nesse papel de mãe é interpretada e/ou julgada como uma péssima mãe. Saffioti (2004) explica que o patriarcalismo sofre uma forte influência cristã, onde a mãe é um agente fundamental e culpá-la por aquilo que “não dá certo” é comum, no que tange a educação e dos filhos, por exemplo, quando os filhos são considerados bem educados, o pai entra na narrativa e é tido como fantástico, mas caso contrário, a mãe é culpabilizada por não saber dar uma educação adequada a eles. É sob essa pressão social que Celeste pode estar sendo submetida quando diz “*eu sou má*”, fazer a mulher se sentir culpada é quase que inevitável nesse molde cultural.

Na cena 13, em que Perry ao ver brinquedos espalhados pelo chão da sala, questiona Celeste e ela responde que não estava com paciência para pedir que os filhos juntem e Perry diz que não viver em um chiqueiro. A sociedade naturaliza em seu imaginário que as tarefas do espaço doméstico são incumbência da mulher, é dela essa responsabilidade, pois esse papel pertence a ela, assim como o descrito na cena anterior, de cuidar dos filhos. Os maridos não se ocupam de tarefas domésticas, pois para eles fica o papel de provedor, aquele que traz o sustento. Mesmo que a mulher possua um trabalho, ainda assim tem que cumprir dupla ou tripla jornada, manejando os serviços domésticos, como limpar, lavar e cozinhar, cuidar filhos, muitas vezes auxiliando inclusive em tarefas escolares e dar conta de seus empregos. Hirata (2018) esclarece que no tocante à divisão sexual do trabalho doméstico, “o que é atribuído a um e a outro sexo é um fator imediato de desigualdade e de discriminação” (p. 18).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo discutir sobre possíveis manifestações de dependência emocional em mulheres que vivenciam a violência de gênero, para isso, entendeu-se como pertinente também abordar sobre a cultura patriarcal, que se compreende como tendo forte influência na sociedade e em seus indivíduos. Foi possível perceber que a organização social que determina a mulher em um lugar de submissão pode favorecer a manifestação da dependência emocional, assim como, permite um espaço para o surgimento e legitimação da violência de gênero. A partir da Teoria do Apego, desenvolvida por John Bowlby, buscou-se trazer uma aproximação entre um padrão de apego e a dependência emocional em mulher em situação de violência. Observou-se que o tipo de apego ansioso, aquele que predispõe sentimentos de insegurança sobre a disponibilidade de afeto, favorece padrões de comportamentos de submissão, falta de autonomia e baixa autoestima, sendo estes aspectos propícios para o desenvolvimento da dependência emocional e violência de gênero.

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho houve certa dificuldade em encontrar material que falasse exatamente da dependência emocional e suas relações com a violência de gênero, pois ambos os temas geralmente são abordados de maneira separada, ou com articulações diferentes das que se pretendia tratar neste estudo.

A escolha do artefato e a limitação de cenas e fatos exibidos também representaram uma restrição para uma maior exploração do conteúdo, uma vez que houve certa dificuldade para realizar a articulação entre a teoria do apego e as cenas selecionadas.

Além disso, esse trabalho foi realizado durante o período da pandemia de COVID-19, que assolou o mundo, trazendo dificuldades devido ao isolamento social, acesso limitado à biblioteca da universidade, restringindo as possibilidades de pesquisas e discussões mais interativas, para além do virtual.

Como crescimento pessoal e científico foi viável enfatizar muitos aspectos importantes, que fazem relação com teoria, e foi possível definir a dependência emocional e sua dinâmica na vida da mulher que a possui, onde entregar-se e cuidar do outro é estruturador para ela, foi identificado a influência do patriarcalismo como um dos fatores que contribuem para subjugação da mulher, com seu apanhado de disposições que dão conta de como ela deve ser e se comportar, quais espaços deve ocupar e até mesmo como deve se sentir. Para além disso, também foi possível estender a discussão para o fenômeno da

violência de gênero, principalmente a violência doméstica que é uma temática muito importante a ser debatida.

As mulheres constituem uma parte da população bastante vulnerável à diversos tipos de violências, tanto aquelas que acontecem nas ruas comuns a todos os gêneros, como a violência conjugal, muitas além da opressão social já estruturada na sociedade, são oprimidas no ambiente de casa e por pessoas que geralmente possuem confiança, o que pode desencadear traumas difíceis de serem falados e tratados, essa condição também pode colocar a mulher em um processo de culpabilização, e assim, conviver com as diversas agressões presente em sua vida durante muito tempo.

As discussões e explorações a respeito da temática de dependência emocional e violência de gênero, se fazem muito importantes, pois a violência praticada contra as mulheres, nos limites do lar por seus companheiros, infelizmente é uma realidade da qual é necessário combater e superar.

O artefato escolhido viabilizou uma aproximação à realidade que muitas mulheres vivem e foi um instrumento que trouxe possibilidades de discussão sobre o tema, pois retrata de maneira compreensível como se desenvolve a violência doméstica e quais razões podem explicar a permanência da mulher nesse tipo de relacionamento.

O presente estudo apresenta certa limitação, no que se referentes à bibliografia sobre os temas e suas correlações, por essa razão buscou-se realizar o máximo de aproximações, entre teoria e artefato, a fim de esclarecer melhor o problema de pesquisa.

Como sugestões, recomenda-se que os estudos e pesquisas na área de dependência emocional e violência de gênero, possam avançar a fim de trazer maiores esclarecimentos sobre o assunto, oportunizando também uma atuação mais ampla da Psicologia, com mulheres que sofrem tanto de dependência emocional como com a violência de gênero.

REFERÊNCIAS

- American Psychiatric Association. (2014). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (5ª ed). Porto Alegre: Artmed.
- Bowlby, J. (1989). *Uma Base Segura: Aplicações clínicas da teoria do apego*. (S. M. Barros, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Bowlby, J. (1990). *Apego e Perda: Apego: A Natureza do Vínculo* (2ª ed). (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1969)
- Bowlby, J. (1998). *Apego e Perda: Perda: Tristeza e Depressão* (2ª ed). (V. Dutra, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1980)
- Bowlby, J. (2001). *Formação e rompimento de laços afetivos* (3ª ed). (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1979)
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. (W. Dutra, Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bution, D. C. & Wechsler, A. M. (2016). Dependência Emocional: Uma revisão sistemática da literatura. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*. 7(1), 77-101. DOI: 10.5433/2236-6407.2016v7n1p77
- Bastos, P. A., Santos, M. M. & Stein, S. C. (2014). Atendimento psicoterápico comportamental de uma mulher adulta com comportamentos característicos de dependência afetiva. *Comportamento em foco* 4, 91-106.
- Brasil. *Lei nº 11.340*, de 07 de agosto de 2006. Brasília, DF, 7 ago. 2006. Acesso em 06 de maio, 2020, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm
- Cortes, G. R., Alves, E. C. & Silva, L. K. R. (2015, outubro). *Mediação da informação e violência contra mulheres: Disseminando dados quantitativos no Centro Estadual de Referência da mulher Fátima Lopes*. Trabalho apresentado no XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, João Pessoa, Paraíba.
- DataSenado. (2019). *Violência doméstica e familiar contra a mulher*. Secretaria de Transparência. Acesso em 04 de abril, 2020, de <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/arquivos/violencia-contra-a-mulher-agressoes-cometidas-por-2018ex2019-aumentam-quase-3-vezes-em-8-anos-1>

- Dalbem, J. X., & Dell'Aglio, D. D. (2005). Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento [Versão Eletrônica]. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 57(1), 12-24.
- Echeverria, G. B. (2018). A Violência Psicológica Contra a Mulher: Reconhecimento e Visibilidade. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, 4(1), 131-145.
- Freud, S. (2011). A negação. (Souza, P. C. L. Trad.). In *Sigmund Freud obras completas* (Vol. 16, pp. 249-255). São Paulo: Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1925)
- Fabeni, L., Souza, L. T. D., Lemos, L. B., & Oliveira, M. C. L. R. (2015). O discurso do "amor" e da "dependência afetiva" no atendimento às mulheres em situação de violência. *Revista do NUFEN*, 7(1), 32-47.
- Falcke, D., de Oliveira, D. Z., da Rosa, L. W., & Bentancur, M. (2009). Violência conjugal: um fenômeno interacional [Versão Eletrônica]. *Contextos Clínicos*, 2(2), 81-90.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª ed). São Paulo: Atlas.
- Guimarães, M. C. & Pedroza, R. L. S. (2015). Violência contra a mulher: problematizando definições teóricas, filosóficas e jurídicas [Versão Eletrônica]. *Psicologia & Sociedade*, 27(2), 256-266.
- Gregori, M. F. (2008). Limites da sexualidade: violência, gênero e erotismo [Versão Eletrônica]. *Revista de Antropologia*, 575-606.
- Hirata, H. (2018). Gênero, Patriarcado, Trabalho e Classe. *Revista Trabalho Necessário*, 16(29), 14-27. DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.16i29.p4552>
- Keller, D. E., Hall, B. A., Auge, D. (Produtores) & Vallée, J.M., Arnold, A. (Diretores). (2017). *Big Little Lies* [Série]. Estados Unidos da América: HBO.
- Lacan, J. (1986). *O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. (Miller, J.A, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953-1954).
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. (H. Monteiro & F. Settineri, Trads.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lucchese, R., Caixeta, F. De C., Silva, Y. V., Vera I., De Felipe, R. L. & De Castro, P. A. (2017). Histórico de violência contra a mulher que vivencia o abuso de álcool e drogas. *Revista de Enfermagem*, 11(Supl.9), 3623-3631.

- Martins, R. C. (2011). Abuso Sexual e Resiliência: Enfrentando as Adversidades [Versão Eletrônica]. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 11(2), 727-750.
- Machado, R. (2013). *O Universo Feminino 2: Violência contra a mulher*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Menin, F., Loureiro, L. & Moraes, N. M. (2007). A maldição de Eva: a face feminina da violência contra a mulher [Versão Eletrônica]. *Psicologia Revista*, 16(1/2), 51-71.
- Mesquita, R. & Duarte, F. (1996). *Dicionário de Psicologia*. Plátano Editora.
- Ministério da Saúde. (2002). Violência Intrafamiliar: Orientações para a Prática em Serviço [Versão Eletrônica]. *Caderno de Atenção Básica*, (8), 17-22.
- Moreira, M. B. & Medeiros, C. A. (2007). *Princípios Básicos de Análise do Comportamento*. Porto Alegre: Artmed.
- Mota, G. A. (2018, outubro). *Dependência afetiva: quando amar é uma patologia - Levantamento, intervenção e prevenção*. Trabalho apresentado no 18º Congresso Nacional de Iniciação Científica, Santos, São Paulo.
- Murta, S. G., Pires, M. R. P., Tavares, A. S., Cordeiro, M. A., Teixeira, E. G., & Adorno, N. (2019). Intimidade e apego no namoro: implicações de estudos de caso para prevenção à violência [Versão Eletrônica]. *Contextos Clínicos*, 12(1), 204-225.
- Oliveira, C. A. B., de Alencar, L. N., Cardena, R. R., Moreira, K. F. A., Silva Pereira, P. P., & Fernandes, D. E. R. (2019). Perfil da vítima e características da violência contra a mulher no estado de Rondônia-Brasil [Versão Eletrônica]. *Revista Cuidarte*, 10(1).
- Platão. (2017). *O Banquete*. (A. P. Borges, Trad.). Rio de Janeiro: Vozes. (Trabalho original publicado em 1901).
- Pinto, C. R. J. (2003). *Uma História do Feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Pereira, R. D. C. B. R., Loreto, M. D. D. S., Teixeira, K. M. D., & Sousa, J. M. M. (2013). O fenômeno da violência patrimonial contra a mulher: percepções das vítimas. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, 24(1), 206-235.
- Peixoto, M. M., & Heilborn, M. L. (2016). Mulheres que amam demais: conjugalidades e narrativas de experiência de sofrimento [Versão Eletrônica]. *Revista Estudos Feministas*, 24(1), 45-62.

- Rodrigues, S. & Chalhub, A. (2009). *Amor com Dependência: Um olhar sobre a teoria do apego*. Acesso em 29 de março, 2020, de www.psicologia.com.pt/artigos/textos/TL0177.pdf
- Riso, W. (2014). *Amar ou depender? Como superar a dependência afetiva e fazer do amor uma experiência plena e saudável*. (M. Aseff, Trad.). Porto Alegre: L&PM.
- Saffioti, H. I. B. (1987). *O poder do macho*. São Paulo: Moderna.
- Saffioti, H. I. B. & Almeida, S. S. (1995). *Violência de Gênero: Poder e Impotência*. Rio de Janeiro: Revinter.
- Saffioti, H. I. B. (2004). *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Schraiber, L. B., d'Oliveira, A. F. P., França-Junior, I., Diniz, S., Portella, A. P., Ludermir, A. B., et al., (2007). Prevalência da violência contra a mulher por parceiro íntimo em regiões do Brasil [Versão Eletrônica]. *Revista de Saúde Pública*, 41(5), 797-807.
- Sophia, E. C. (2008). *Amor patológico: aspectos clínicos e de personalidade*. Dissertação de mestrado não-publicada, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil.
- Scheeren, P., Delatorre, M. Z., Neumann, A. P., & Wagner, A. (2015). O papel preditor dos estilos de apego na resolução do conflito conjugal. *Estudos e pesquisas em psicologia*, 15(3), 835-852.
- Silva, P. P. & Andrade, L. F. (2018). A Mulher e a Dependência Afetiva: Laços de amor que causam dor [Versão Eletrônica]. *Revista Brasileira de Ciências da Vida*, 6(1), 1-22.
- Vianna, L. A. C., Bomfim, G. F. T., & Chicone, G. (2006). Auto-estima de mulheres que sofreram violência. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 14(5).